

ENTREVISTA COM JULIETA JERUSALINSKY: A INFÂNCIA DE NOSSOS TEMPOS

INTERVIEW WITH JULIETA JERUSALINSKY: THE CHILDHOOD OF OUR TIMES

ENTREVISTA CON JULIETA JERUSALINSKY: LA INFANCIA DE NUESTROS TIEMPOS

Julieta Jerusalinsky¹

Resumo: A entrevista com Julieta Jerusalinsky situa a infância contemporânea a partir da clínica psicanalítica, considerando que, por estarem menos estruturadas, as crianças estão mais expostas ao sintoma social de sua época, revelando assim os rumos que vão sendo assumidos pela cultura. A infância é atravessada pelo desejo de “ser grande”, sobrepondo a ideia de crescer à de realizar ideais, ao mesmo tempo em que, inconscientemente, a transmissão entre gerações é atravessada pela expectativa de que a geração seguinte possa triunfar onde a anterior fracassou. Por isso, as crianças estão tão atentas ao futuro. Mas é preciso interrogar como se produz a relação com o futuro quando tal esperança convive com a ameaça de um projeto civilizatório que propõe um consumo desenfreado com consequências de devastação ao meio ambiente, crises climáticas causadas por negacionismos políticos e injustiças sociais que recrudescem as intolerâncias com a supressão do convívio e respeito à alteridade. As crianças estão atentas a essas questões. A pandemia de Covid-19 não só privou bebês, crianças e adolescentes de experiências estruturantes, mas também catalisou as “intoxicações eletrônicas”, impondo uma sobredeterminação algorítmica que preenche com respostas prontas as brechas temporais e espaciais desde as quais poderiam se produzir criações inventivas. A virtualidade se apresenta como um quarto registro que tem feito obstáculo aos sintomas de estrutura em seu enlaçamento dos registros Real, Simbólico e Imaginário. Como saída ética e clínica, propõe-se sustentar o brincar, as experiências compartilhadas no convívio e a conversa como modos de elaboração e da sustentação dos laços para que o sentido do viver não seja aniquilado pelo individualismo, pela competitividade e pelo imediatismo impostos por respostas prontas que suprimem as nominações que podem ser produzidas pela subversão do sujeito do desejo.

Palavras-chave: Infância contemporânea. Pandemia. Digitalidade.

¹ Psicanalista, psicóloga (UFRGS, 1993), especialista em Estimulação Precoce pela (F.E.P.I/Argentina, 1997); cursou a pós-graduação em Clínica Psicoanalítica com niños (UBA/Argentina, 1995), mestre (2003) e doutora (2009) em psicologia clínica (PUC-SP); docente da PUC/SP na pós-graduação em “Teoria Psicanalítica” (desde 2008); docente e coordenadora da pós-graduação em “Estimulação Precoce: clínica transdisciplinar com bebês” do Instituto Travessias da Infância: Centro de Estudos Lydia Coriat SP, do qual é fundadora, assim como da REDE-BEBÊ; autora dos livros *Enquanto o futuro não vem — a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês* (Ágalma, 2002); *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê* (Ágalma, 2011); organizadora de *Travessias e travessuras no acompanhamento terapêutico* (Ágalma, 2017); coorganizadora de *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era nas relações virtuais* (Ágalma, 2017); de *Quando algo não vai bem com o bebê: detecção e intervenções estruturantes em estimulação precoce* (2020, Ágalma) e *Janela, Janelinha: psicomotricidade na primeira infância, corpo e sujeito em estruturação* (Ágalma, 2024). ORCID: 0000-0003-3184-5412. E-mail: julietajerusalinsky@gmail.com

Abstract: The interview with Julieta Jerusalinsky situates contemporary childhood from the vantage point of the psychoanalytic clinic, considering that, since children are less structured, they are more exposed to the social symptom of their time, thus revealing the directions culture is taking. Childhood is traversed by the desire to “grow up”, where growing up is overlaid with the pursuit of ideals, while — unconsciously — intergenerational transmission carries the expectation that the next generation will succeed where the previous one failed. Hence, children’s heightened attention to the future. Yet we must question how the relation to the future is produced when such hope coexists with the threat of a civilizational project that promotes unrestrained consumption, causing environmental devastation, climate crises fueled by political denialism, and social injustices that exacerbate intolerance by suppressing sociability and respect for otherness. Children pay attention to these issues. The Covid-19 pandemic not only deprived babies, children, and adolescents of structuring experiences, it also catalyzed “electronic intoxications,” imposing an algorithmic overdetermination that fills temporal and spatial gaps from which inventive creations might otherwise emerge. Virtuality presents itself as a fourth register that has obstructed structural symptoms in their knotting of the Real, the Symbolic, and the Imaginary. As an ethical and clinical way forward, the proposal is to sustain play, shared experiences in daily coexistence, and conversation as modes of elaboration and of supporting bonds, so that the sense of living is not annihilated by individualism, competitiveness, and the immediacy imposed by ready-made answers that suppress the acts of naming producible through the subversion of the subject of desire.

Keywords: Contemporary childhood. Pandemic. Digitality.

Resumen: La entrevista con Julieta Jerusalinsky sitúa la niñez contemporánea desde la clínica psicoanalítica, considerando que, al estar menos estructuradas, las niñas y los niños están más expuestos al síntoma social de su época y, así, revelan los rumbos que va asumiendo la cultura. La niñez está atravesada por el deseo de “ser grande”, superponiendo la idea de crecer a la de realizar ideales, al mismo tiempo que, inconscientemente, la transmisión entre generaciones está atravesada por la expectativa de que la generación siguiente triunfe donde la anterior fracasó. De ahí la atención al futuro por parte de las infancias. Pero se hace necesario interrogar cómo se produce la relación con el futuro cuando esa esperanza convive con la amenaza de un proyecto civilizatorio que promueve un consumo desenfrenado, causando la devastación del medio ambiente, las crisis climáticas impulsadas por negacionismos políticos y las injusticias sociales que recrudecen las intolerancias al suprimir la convivencia y el respeto por la alteridad. Las niñas y niños están atentos a estas cuestiones. La pandemia de Covid-19 no solo privó a bebés, niñas, niños y adolescentes de experiencias estructurantes, también catalizó “intoxicaciones electrónicas”, imponiendo una sobredeterminación algorítmica que llena con respuestas automáticas las fisuras temporales y espaciales desde las cuales podrían producirse creaciones inventivas. La virtualidad se presenta como un cuarto registro que ha obstaculizado los síntomas de estructura en su anudamiento de los registros Real, Simbólico e Imaginario. Como salida ética y clínica, se propone sostener el juego, las experiencias compartidas en la convivencia y la conversación como modos de elaboración y de sostén de los lazos, para que el sentido de vivir no sea aniquilado por el individualismo, la competitividad y el inmediateismo impuesto por respuestas prefabricadas que suprimen las nominaciones que pueden producirse mediante la subversión del sujeto del deseo.

Palabras clave: Niñez contemporánea. Pandemia. Digitalidad.

– 1. PARA DARMOS INÍCIO À NOSSA CONVERSA, GOSTARÍAMOS QUE COMPARTILHASSE, A PARTIR DE SUA LONGA TRAJETÓRIA NA CLÍNICA E NA PESQUISA, COMO COMPREENDE A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE. QUAIS MARCAS E EXIGÊNCIAS PARTICULARES VOCÊ IDENTIFICA NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA INFANTIL HOJE?

A clínica psicanalítica sempre nos coloca face à obscuridade do nosso tempo — justamente porque as formações do inconsciente são o retorno do recaiado. Mas escutar crianças na clínica psicanalítica coloca uma questão adicional, porque elas nos revelam para onde se encaminha a cultura, justamente porque, como elas estão em estruturação, estão menos defendidas e muito mais expostas em relação ao que vai se apresentando como ideal e sintoma social de cada época.

A família, a comunidade escolar e também o grupo social em que se vive fazem desse ideal um recorte. No entanto, de maneira geral, na contemporaneidade, podemos escutar as crianças não apenas desejosas, mas também preocupadas com o futuro.

Às vésperas das eleições presidenciais de 2022, perguntei a crianças do consultório (a pacientes meus e de colegas) o que elas fariam se fossem presidentes². Diante dessa pergunta, o primeiro impulso delas foi o de ficarem preocupadas com “abrirem o voto” em meio a uma situação de enorme hostilidade e discórdia política na qual as pessoas se encerram em nichos que retroalimentam as suas certezas em lugar de poder conversar. E justamente é preciso conversar com as crianças sobre o que elas pensam, sobre os valores e as ações que elas consideram certas como projeto do ser humano em um compromisso com o futuro do mundo em que ele vive. E as crianças estão preocupadas com as relações humanas no mundo e com a preservação do planeta. Esse me parece ser um ponto crucial da contemporaneidade.

Afinal, a infância é atravessada pelo desejo de ser grande, ou seja, na ilusão infantil, crescer e se tornar um grande adulto que realiza ideais, em certa medida, se equivalem. Por isso as crianças almejam tanto chegar ao futuro, um tempo em que poderão lançar as suas escolhas a partir de seu desejo, já que, durante o tempo de criança, a responsabilidade, e também as decisões sobre a sua vida, cabem, em grande parte, aos pais.

Ao mesmo tempo, desde a introdução ao narcisismo, Freud nos diz que nós depositamos nas crianças a esperança de que elas, no futuro, venham triunfar onde nós fracassamos. Então, produzir uma realização no futuro é algo que a criança espera e que também se espera dela.

Mas, na contemporaneidade, há uma certa torção nisso, pois as guerras que perduram, o avanço de formas de governos fascistas e crise climática, que revela suas consequências, mostram que o futuro está em questão se não mudarmos os rumos do pacto civilizatório. Temos vivido catástrofes da natureza que não são naturais, e sim produto de uma crise política acerca de como administraremos os nossos recursos sem devastar o planeta. Estamos em uma sociedade que alimenta a ilusão de que o que nos falta pode ser comprado, fomentando um gozo irrefreável através de um consumo voraz que, além de afrontar o compromisso ético com a preservação de espécies, pode acabar por tornar muito difícil e, até mesmo inviável, a vida do próprio ser humano no planeta. Então, o horizonte de nosso tempo não consiste em uma luta do ser humano contra uma natureza hostil que deve ser conquistada e transformada para que lhe seja possível sobreviver. Ao contrário, essa natureza precisa ser preservada.

Diante dessa realidade, vamos nos encontrando com uma queda de natalidade dentro de grupos sociais com mais acesso à formação e informação. Casais muitas vezes se perguntam se devem pôr um filho no mundo, e as crianças, por sua vez, estão muito atentas e

² As respostas delas saíram publicadas em um texto chamado “carta aberta da REDE-BEBÊ em defesa da democracia: o que dizem as crianças”. <https://www.redebebe.com/post/carta-aberta-da-rede-bebe%C3%AA-em-defesa-da-democracia-o-que-dizem-as-crian%C3%A7as>

preocupadas com essa questão ambiental, segundo a qual o futuro não é simplesmente uma promessa, mas uma ameaça. Isso muda a forma como as crianças da contemporaneidade têm de lidar com o futuro.

– 2. CINCO ANOS APÓS O INÍCIO DA PANDEMIA DE COVID-19, AINDA SENTIMOS SEUS DESDOBRAMENTOS NAS MAIS DIVERSAS ESFERAS DA VIDA. QUAIS EFEITOS CLÍNICOS, ESPECIALMENTE NO CAMPO DA INFÂNCIA, TÊM EMERGIDO EM SUA PRÁTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ISOLAMENTO SOCIAL E DAS TRANSFORMAÇÕES QUE ELE IMPÕS?

A pandemia de Covid-19 tampouco foi um acontecimento natural, e sim uma crise de saúde mundial agravada por negacionismos políticos. No Brasil, o fechamento das escolas ocorreu durante um período muito longo em relação a outros países³, com professores que depois foram obrigados a voltar à sala de aula como serviço essencial, sem vacina. Isso teve um enorme impacto no cuidado das crianças. Além disso, houve a tentativa de um apagão dos dados de saúde de mortos, doentes, e depois, de vacinados, que só foi barrada, fazendo chegar à população informações decisivas para o planejamento de ações preventivas, devido a um esforço conjunto dos jornalistas no Consórcio de Veículos de Imprensa⁴.

Então, a presença de um risco real de morte, junto com uma enorme violência política e isolamento do convívio com pares e cuidadores por um tempo muito longo, criou um cenário extremamente devastador que deixou, sim, marcas profundas para todos, não apenas orgânicas, mas também psíquicas⁵.

Dentro disso, não temos como uniformizar ou igualar as experiências: há diferentes infâncias a depender da territorialidade, classe econômica e momento da estruturação psíquica na qual se está. Se todos foram atingidos por essa pandemia, não o foram igualmente. Assim como um mesmo vírus incide de um modo diferente em cada organismo (sendo preciso considerar fatores de risco), não são nada indiferentes as condições sociais em que se atravessou a pandemia, já que a vulnerabilidade faz com que não se conte com recursos semelhantes para reduzir o risco de contágio, nem para tratar a doença (desde ter água para lavar as mãos e casas que permitam o isolamento até ter acesso a leitos com respiradores). Um vírus se vale das fraquezas biológicas das pessoas, também aquelas que são oriundas de causas sociais, como desigualdades de acesso à segurança alimentar, saneamento básico, moradia, estabilidade laboral. Ou seja, os mais vulneráveis economicamente são sempre os mais atingidos. A questão da inclusão digital também se colocou aí, pois houve crianças que tiveram acesso a aulas virtuais, outras não.

Desde o aspecto psíquico, tampouco são indiferentes os conflitos pré-existentes, nos quais as “cavilhas” dessa pandemia se prestam a encaixar, assumindo significações e provocando consequências psíquicas diversas, dependendo da estrutura subjetiva que esteja em jogo, bem como do momento de estruturação no qual alguém se encontra⁶.

Também, ao longo da estruturação, há certos momentos lógicos em que se atravessam problemáticas cruciais: no tempo de ser bebê (de 0 aos 3 anos), pequena criança (dos 3 aos 6 anos), criança ou adolescente se conta com recursos psíquicos diferentes para poder

³ **Vidas em pausa — o afastamento da escola e o isolamento social vêm fazendo das crianças brasileiras vítimas ocultas da pandemia**, artigo de Milene Chaves com entrevista a Dra. Julieta Jerusalinsky, Universa, UOL. Setembro, 2020. <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/criancas-pandemia-coronavirus/#page10>

⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Cons%C3%B3rcio_de_Ve%C3%ADculos_de_Imprensa

⁵ Jerusalinsky, Julieta. Psicopatologia na quarentena. Matinal Jornalismo, 23 de abril de 2020.

⁶ Jerusalinsky, Julieta. Ser bebê, criança e adolescente durante a pandemia: cuidar e educar nas encruzilhadas entre a estruturação psíquica e o risco de COVID-19, Revista Crianças. Junho 2020. Acessível em: https://www.travessiasdainfancia.com/_files/ugd/f9c84d_b9fd918a23dd4b99a9d616bf9f98a2f6.pdf

responder às contingências que se apresentam na vida, principalmente àquelas contingências históricas que atingem todo o conjunto da humanidade. Mas, devido aos conflitos e potencialidades próprias de cada etapa, encontramos diferentes consequências da incidência da pandemia de Covid-19.

Quanto menor uma criança, mais difícil é compartilhar um laço através da virtualidade pois, à medida em que alguém vai se estruturando psiquicamente, tem mais possibilidade de simbolizar pela palavra. Quanto menor se é, mais imprescindível é a presença do corpo em cena para se relacionar e apreender.

Por isso, para os pequenos, a virtualidade é muito mais difícil de ser sustentada, não só na educação, mas também nos atendimentos clínicos, pois, quando a articulação corpo-língua ainda está por ser produzida — tal como é próprio da primeira infância —, não estar de corpo presente produz entraves que, se nem sempre foram absolutamente impeditivos, certamente produziram maiores obstáculos e resistências.

Além disso, a pandemia de Covid-19 catalisou o processo de virtualização das relações, bem como as intoxicações eletrônicas na infância pois, quando os pais não estavam em insegurança laboral, ou indo trabalhar presencialmente sem ter uma escola para dar suporte aos cuidados das crianças, estavam trabalhando em home-office deixando as crianças diante de telas para aquietá-las e silenciá-las através de joguinhos eletrônicos em todas as classes econômicas. E isso teve consequências nos diferentes momentos lógicos da estruturação psíquica⁷.

Para os bebês é imprescindível estar com adultos que deles cuidem, para que as percepções que chegam até eles na vida cotidiana (cheiros, cores, temperaturas, sons) possam ir ganhando significação. Nesse sentido, a construção da inteligência humana passa bem longe de aplicativos virtuais aos quais tantas vezes ficaram expostos. As intoxicações eletrônicas se viram agravadas nessa etapa da vida, não só pela entrega de aparelhos nas mãos de bebês para aquietar seus movimentos e silenciar suas demandas incompatíveis ao home-office realizado por pais em situação de confinamento; agravaram-se também porque os pais, ao estarem solitários, sem rede de apoio para sustentar os cuidados do bebê, apelaram para respostas prontas aos conflitos da vida advinda dos aplicativos, tantas vezes suprimindo o valor da produção em contexto e a produção e um saber-fazer de modo conjunto com o bebê a partir de uma posição interpretativa.

Para as crianças, a escola virtual implicou uma perda do convívio com pares na construção de experiências de vida e trocas de hipóteses de aprendizagem junto a professores que possibilitem articular seu desejo de saber de um modo mediado, para além dos pais, além de também ter implicado uma perda das construções coletivas do brincar.

Para os adolescentes, houve uma privação da circulação na cidade, de convívio com pares e de encontros que lhes permitissem explorar a sexualidade de modo exogâmico, sendo que adolescência é justamente um momento de desdobrar experiências para fora de casa e da família.

Se um bebê não nasce estruturado nem orgânica, nem psiquicamente, as experiências de vida compartilhadas com os outros – familiares, escolares e culturais – são decisivas para quem ele irá se tornar. Nesse sentido, o mais complicado desse traumatismo coletivo que foi a pandemia de Covid-19 é que, após ela, passa-se bebês, crianças e adolescentes pelo crivo de instrumentos diagnósticos por check-list que supõem neles psicopatologias supostamente intrínsecas ao seu ser, em lugar de considerar o contexto de vida e a perda de experiências

⁷ Jerusalinsky, Julieta, O que podemos aprender com as crianças durante a quarentena? Matinal Jornalismo, 17 de abril de 2020. <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/julieta-jerusalinsky-o-que-podemos-aprender-com-as-criancas-durante-a-quarentena/>

estruturantes pelas quais passaram, para então suscitar-las e favorecer a sua estruturação ainda em curso. Isso é o mais grave: uma pandemia de diagnósticos de doenças mentais pós-pandemia de Covid-19⁸. Trata-se, lamentavelmente, de um projeto de psicopatologização e medicalização generalizada da infância cujo avanço temos testemunhado.

– 3. DIANTE DE UM CENÁRIO EM QUE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ATRAVESSAM O COTIDIANO DOS SUJEITOS — INCLUSIVE DAS CRIANÇAS, ENQUANTO PAIS E CUIDADORES LIDAM COM ROTINAS CADA VEZ MAIS SOBRECARREGADAS —, COMO PENSAR OS EFEITOS DESSAS TRANSFORMAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE INFANTIL E NAS FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE LAÇO SOCIAL?

Essa é uma questão que implica diversos desdobramentos do que temos testemunhado em nossa pesquisa psicanalítica cotidiana oriunda da clínica. Certamente a digitalidade, com seus algoritmos e inteligência artificial, mudou a forma de nos relacionarmos e nos representarmos no discurso a tal ponto de que, se Freud falou de uma psicopatologia da vida cotidiana, em nossos tempos precisamos falar de uma psicopatologia da vida digital cotidiana⁹.

As máquinas lembram por nós, mas nos devolvem uma memória que não é investida ou recalçada pelo crivo do desejo; escrevem e falam por nós, nos impedindo de cometer erros racionais, mas também de produzir os nossos atos falhos; decidem os caminhos por nós, mas não consideram os nossos mapas afetivos; imaginam por nós, produzindo cenários virtualizados nos quais o brincar das crianças não precisa operar com o semelhante a transposição de registro entre palavra e imagem. Nesse sentido, a virtualidade tem operado como um quarto registro, para além do Real, do Simbólico e do Imaginário, que flutua, desliza sobre os outros e que nosso sintoma de estrutura não tem conseguido amarrar. Se isso é assim por ser algo novo e as próximas gerações poderão articulá-lo é uma questão. Pois temos o risco de ficarmos solapados pelo algoritmo e pela inteligência artificial, fazendo-nos instrumento do instrumento na medida em que temos uma máquina muito poderosa e, sempre que a humanidade se fascinou pela técnica sem produzir uma discussão ética à altura, produziu atrocidades.

No que tange às crianças, elas muitas vezes estão retiradas do convívio jogando jogos virtuais em lugar de brincar com pares. Certamente isso tem incentivado muito a competitividade e o narcisismo, pois, com a máquina, cada vez que se está perdendo, se dá um reset. Então, cai a negociação com a alteridade. Também essa é uma forma de brincar muito mais passiva, porque, em lugar de a criança como sujeito, ter que produzir as articulações simbólicas que a entre-tem entre presença-ausência-presença, é a indústria do entretenimento que oferece a diversão já pronta, tornando as crianças muito mais passivas e vorazes, crianças que não suportam um espaço vazio e têm uma absoluta impaciência com o tempo que leva fazer algo, um desenho, uma escultura... isso se torna um tempo insuportável de atravessar porque se espera que tudo surja pronto enquanto o sujeito perde o fio do desejo, tempos de um sujeito *wireless*¹⁰.

Assim, vamos nos encontrando com pandemias de TDAH, mas não se considera seriamente os efeitos de estar exposto a um excesso de estímulos visuais e sonoros em um ritmo alucinante enquanto se está sentado no sofá; ou se fala de TEA em crianças que tem uma sideração pela tela sem buscar o olhar dos outros ou que repetem fragmentos sonoros de

⁸ Jerusalinsky, Julieta. In: Geração Pandêmica, org. Kelly e Brandão, editora Appris, 2023.

⁹ Jerusalinsky, Julieta. A sobredeterminação algorítmica do sujeito contemporâneo, a sociedade da pós-verdade e a virtualidade como quarto registro. In: https://spcrj.org.br/wp-content/uploads/2023/12/Caderno-de-Psicanalise_Vol-32_2023.pdf

¹⁰ Jerusalinsky, Julieta. O sujeito wireless e a inscrição da borda entre realidade e fantasia na era das relações virtuais. In: Revista da APC, Psicanálise e contemporaneidade, n. 35, org. Camila Freire e Rejinaldo Chiaradia, Curitiba, Editora Juruá, setembro de 2019.

eletrônicos, mas que não sustentam uma estrutura dialógica sem que se considere que uma linguagem transmitida sem desejo engendra um apagamento do sujeito do desejo¹¹.

Então, tanto as graves patologias quanto a psicopatologia da vida digital cotidiana têm revelado a incidência da virtualidade como um quarto registro que não estamos conseguindo amarrar com nossos sintomas de estrutura e têm feito obstáculo à produção do brincar como um sintoma de estruturação próprio da infância.

– 4. TEM-SE OBSERVADO UMA CRESCENTE FRAGILIDADE NA TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DE SABERES, COM PAIS FREQUENTEMENTE RECORRENDO A ESPECIALISTAS, TUTORIAIS OU BUSCADORES ONLINE FRENTE ÀS PRIMEIRAS DIFICULDADES COM SEUS FILHOS. EM SUA PERSPECTIVA, QUAIS OS IMPACTOS DESSA DELEGAÇÃO DO SABER NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DA CRIANÇA E NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE CUIDADORES E BEBÊS?

Justamente em uma época em que todos podem plugar-se em um totem de autoatendimento, que nos conecta a uma onisciência, onipresença e onipotência através da web, apaga-se a rede simbólica que singulariza o lugar de cada um a partir de uma complexidade de relações que estabelece diferenças geracionais, sexuais e identificatórias e se cai em uma perplexidade. Assim, as novas gerações, a partir da web, têm acesso a informações ilimitadas, mas carecem de ter com quem singularizar os seus percursos investigativos. Fala-se muito em infodemia. A informação em si nunca é excessiva. O problema é quando passamos a carecer do alinhavo simbólico que é necessário para que não percamos o sentido. Esse é o problema de apagar a complexidade pela qual se tece um pensamento e cair na perplexidade em que tudo se torna rápido e fragmentário. Então, se, para as crianças, antes eram os adultos que sabiam, agora, para elas, quem sabe é a IA. Mas quem fala na IA? Como é o artifício de uma fala que se produz sem corpo, que não paga o preço da experiência? Isso é de fato um saber?

Muitas vezes os pais da contemporaneidade são presas de uma impossibilidade de operar no cotidiano com os enigmas que surgem, querendo respostas prontas do que fazer advindas de pseudotécnicas que não consideram o contexto de produção e que apagam o lugar possível da invenção. Desse modo, com os algoritmos, vemos um afunilamento de nomeações possíveis diante dos impasses do viver e isso é um empobrecimento psíquico para cada um, mas também para toda a cultura¹².

Por isso a importância de brincar, conversar, conviver sustentando o fazer cotidiano atravessado pelo lúdico. É imprescindível que uma geração conte à outra o que viveu e que escute também os seus impasses porque o saber de uma geração não recobre o que a geração seguinte precisará produzir, mas sim podemos dar o testemunho do que é atravessar impasses, angústias e também experimentar maravilhosas surpresas da vida, que nos permitem construir um saber viver a partir de uma condição não onipotente, não onipresente e não onisciente, compartilhando do viver como uma experiência inventiva sem garantias.

¹¹ Jerusalinsky, Julieta. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Org. Batista e J. Jerusalinsky, Salvador: Ágalma, 2017.

¹² Jerusalinsky, Julieta. Café filosófico: Por qual janela a criança olha para o mundo? CPFL, 29 de novembro 2024.